



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA**

INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS – IHL

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

ALINE ALVES CANDIDO COSTA

EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS DE MULHERES ACARAPENSES NA EJA

**REDENÇÃO-CE
2018**



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA**

INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS – IHL

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

ALINE ALVES CANDIDO COSTA

EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS DE MULHERES ACARAPENSES NA EJA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Luis Eduardo Torres Bedoya.

**REDENÇÃO/CE
2018**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Costa, Aline Alves Cândido.

C87e

Experiências Significativas de Mulheres Acarapenses na EJA / Aline Alves
Cândido Costa. - Redenção, 2018.
48f: il.

Monografia - Curso de Pedagogia, Instituto De Humanidades E
Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia AfroBrasileira,
Redenção, 2018.

Orientador: Prof. Dr. Luís Eduardo Torres Bedoya.

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Mulheres. 3.
Experiências. I. Título

CE/UF/BSCL

CDD 372.412



**CURSO DE PEDAGOGIA
DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – MONOGRAFIA**

FOLHA DE APROVAÇÃO Acarape, 28 de Maio de 2018

Aline Alves Candido Costa

EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS DE MULHERES ACARAPENSES NA EJA

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr Luis Eduardo Torres Bedoya (orientador)
UNILAB

Prof. Dra Jacqueline da Silva Costa
UNILAB

Prof. Dra. Etienne Costa Santos
UNILAB

Etienne Costa Santos

À minha família, em especial aos meus pais, que não tiveram oportunidade de estudar, mas são grandes mestres na vida. Aos meus filhos, presente especial de Deus, sentido maior de minha vida. Ao meu grande amor: meu esposo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus pela dádiva da vida, por me dá forças para vencer cada obstáculo que surge no meu caminho;

À minha família, em especial meu esposo Eugênio, por acreditar em meu sucesso e juntos superarmos tantos desafios;

Aos meus filhos Heitor e Ícaro Rafael que sempre compreenderam as horas de ausência;

Aos meus pais pela compreensão e gratidão, das incontáveis vezes que ficaram com meus filhos enquanto frequentava a faculdade;

Aos meus queridos irmãos que têm muito orgulho de mim, e sempre me apoiaram nas minhas decisões;

Aos amigos e amigas de sala de aula que se tornaram a *família pedagogia*, em especial, Marygidiane, Giza, Sabrina, Wilame, Léia, Flaiana, Samara, Kelly, por terem me apoiado, incentivado inúmeras para não desistir, acreditando na minha capacidade, muito obrigada a todos;

A todos os professores do Curso de Pedagogia por cada palavra de apoio, em especial a Professora Eliane Costa Santos que aos poucos conquistou nossos corações ao mobilizar nossos conhecimentos a partir da disciplina etnomatemática;

Ao Professor Luís Eduardo Torres Bedoya, por ter se predisposto a orientar essa pesquisa;

À minha banca, pela leitura cuidadosa e suas contribuições;

A todos os profissionais e alunos da Escola Francisco Rocha Ramos pela acolhida e contribuições acerca da pesquisa;

Aos colegas de trabalho do CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) onde atuo como Orientadora Social, que vivenciaram minha trajetória até concluir este trabalho, em especial, à Marlúcia Seixas (Pedagoga) por suas contribuições e ao Coordenador Miguel Missias pela compreensão em conceder-me horas para estudos e pesquisas – a vocês minha eterna gratidão;

Enfim, muito obrigada a todas as pessoas que contribuíram de forma direta ou indiretamente para a realização desta monografia.

Os educadores da EJA são os mais recentes
andarilhos da educação brasileira.

Há que lhes dá atenção.
Escutá-los com cuidado.
Ouvi-los mais devagar.

Atentar para suas histórias.
Elas são feitas de pedaços de vida e de morte.
De sucessos e de fracassos.
De avanços e recuos.
De alegrias e tristezas.

Suas mãos podem estar vazias de verdades, mas seus
corações e mentes estão cheios de ideias, de desejos,
de aprendizados.

(Valdo Barcelos, 2007)

RESUMO

Esta monografia busca tecer algumas considerações acerca das experiências de mulheres acarapenses na Educação de Jovens e Adultos (EJA), e de como essa modalidade de ensino vem contribuindo para a formação de indivíduos que pensam e discutem de forma crítica, temas que são cotidianos e não apenas formadora de mão de obra para o mercado de trabalho. A pertinência do tema surgiu como questão fundamental para entender a importância da EJA na experiência de mulheres que a frequentaram, e que apesar das suas dificuldades financeira e social, conseguiram realizar suas expectativas de aprendizados. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que integra pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo com aplicação de entrevistas semiestruturadas a duas alunas da turma de EJA e sua respectiva professora, da Escola Francisco Rocha Ramos, do município de Acarape, CE, com o objetivo de conhecer e compreender as expectativas e motivações para as mulheres que frequentam a EJA. No desenvolvimento da pesquisa dialogaremos com vários autores de áreas intrínsecas ao tema para refletir sobre este.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos. Mulheres. Experiências

ABSTRACT

This monograph seeks to weave some considerations about the experiences of acarapenses women in the education of young people and Adults (EJA), and how this modality of teaching has contributed to the formation of individuals who think and discuss critically, themes that are everyday and not just a laborer for the labor market. The relevance of the theme arose as a fundamental question to understand the importance of EJA in the experience of women who attended it, and that in spite of its financial and social difficulties, they managed to realize their expectations of learning. It is a qualitative research that integrates bibliographic research and field research with the application of the interstructured interviews to two students of the class of EJA and their respective teacher, of the school Francisco Rocha Ramos, of the municipality of Acarapé, CE, with the Objective to know and understand the expectations and motivations for women who attend EJA. In the development of the research we dialogue with several authors of areas intrinsic to the theme to reflect on this.

KEYWORDS: Youth and Adult Education. Women. Experiences

SIGLAS

EJA - Educação de Jovens e Adultos

MEC - Ministério da Educação

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

CEE - Conselho Estadual de Educação

PPP - Projeto Político Pedagógico

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| 1 MEMÓRIAS DA FORMAÇÃO DOCENTE, DA SALA DE AULA À EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO | 14 |
| 2 EJA, CAMINHOS CONCEITUAIS: ASPECTOS HISTÓRICOS, LEGAIS, EDUCACIONAIS | 19 |
| 3 EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS DE MULHERES NA EJA..... | 23 |
| 3.1 Análises sobre as dificuldades, motivações, expectativas | 23 |
| 3.2 Reflexões sobre práticas de construção da cidadania..... | 27 |
| 3.2.1 Escuta à professora | 27 |
| 3.2.2 Escuta às estudantes..... | 28 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 30 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 32 |
| ANEXOS | 35 |
| Anexo 1: Transcrição das entrevistas | 35 |
| Anexo 2: Fachada da escola | 42 |
| Anexo 3: Confraternização Natalina | 43 |
| Anexo 4: Exposição de aula | 44 |
| Anexo 5: Projeto de extensão da EJA | 45 |
| Anexo 6: Estágio em Educação de Jovens e Adultos | 46 |

INTRODUÇÃO

Este trabalho parte da necessidade de refletir sobre os motivos que me levaram a fazer a pesquisa sobre experiências de mulheres do município de Acarape em sua relação com a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A motivação principal para realização da pesquisa justifica-se pela minha condição de mulher e moradora de uma cidade do interior do Estado do Ceará.

Sei por experiência própria, como é desafiador se manter dentro da sala de aula. Também, sou ciente das experiências vividas ao longo da minha trajetória acadêmica que me levaram a apaixonar-me pela Educação e a entender quão importante é na minha vida e de várias outras mulheres.

São inúmeros os fatores que podem fazer uma pessoa parar os estudos. O principal deles, talvez seja a questão financeira e social. Muitas vivem com vulnerabilidade social e precisam trabalhar para ajudar seus pais e a família, como destacarei adiante numa das entrevistas. Mas, tem outras que tendo o incentivo e possibilidade de estudar não o fazem.

Eu tive uma grande oportunidade de poder continuar meus estudos na idade certa, pois sempre tive o incentivo da minha família e desde pequena tive a consciência de que sem educação não conseguimos viver de uma forma digna perante a sociedade. Porém, também tenho consciência de que muitas outras mulheres, tanto da minha cidade, que é Redenção, quanto de outras de diversas partes do Maciço do Baturité, não tiveram oportunidades iguais às que tive.

Ao fazer o estágio em EJA em 2016, na cidade de Acarape, CE, acompanhando de perto jovens e adultos que participam dessa modalidade de ensino, aflorou em mim o desejo de investigar melhor sua realidade.

As questões norteadoras para este estudo são: quais fatores influenciaram para as mulheres acarapenses deixarem seus estudos escolares na infância e adolescência? Quais as principais motivações que fizeram elas retornarem aos estudos?

Tomo como hipótese de pesquisa que a EJA tem uma importância singular na educação, nas cidades interioranas. É modalidade de ensino do MEC destinada a atender jovens e adultos que não conseguiram terminar seus estudos no período da idade certa, mas que agora buscam sua conclusão e a certificação do ensino fundamental.

Para as mulheres, em particular, voltar para a escola é uma forma de construir sua autonomia e sua autoestima. Isso porque tomo como hipótese que para muitas delas a EJA é uma das formas de voltar a estudar e, quem sabe, pela obtenção de maiores conhecimentos, entrar em uma faculdade e conseguir realizar sonhos de dias melhores.

O objetivo geral da pesquisa é conhecer e compreender as expectativas e motivações das mulheres que frequentam a EJA, e as possíveis transformações das mesmas em seres críticos, independentes, promovendo um crescimento mútuo, elevando sua autoestima.

Os objetivos específicos são:

- Refletir sobre as situações que levam as mulheres da cidade de Acarape, CE a interromper seus estudos;
- Conhecer as dificuldades diárias que as mulheres acarapenses enfrentam para completar a educação básica na EJA;
- Analisar os aspectos e motivações que contribuem para tomada de decisão das mulheres no tocante às condições de retorno à educação formal na modalidade EJA.

Como metodologia de trabalho optamos pela pesquisa qualitativa. Os caminhos percorridos foram: pesquisa de campo, por meio de entrevistas semiabertas à alunas e à professora de uma das turmas de EJA da Escola Francisco Rocha Ramos, na cidade de Acarape; levantamento bibliográfico de artigos, tese, monografias, dissertações e livros que versam sobre o assunto da pesquisa, com o interesse de compreender de forma objetiva e clara sobre o que é a modalidade EJA e o que ela pode trazer de vantagens para jovens e adultos que querem voltar a estudar; aprendizados da minha autobiografia, da minha experiência de estudante de pedagogia, e do meu estágio supervisionado na EJA.

A pesquisa foi realizada na escola municipal Francisco Rocha Ramos, do município de Acarape, Ceará, em turma de EJA de 4º e 5º ano, com faixa etária de 16 a 49 anos. Idades que a nosso entender é um fator de desafio pedagógico para a promoção de ações que abranjam as diversas realidades em que vivem, que avalio de enorme importância para o aprendizado do(a) educando(a).

A Escola municipal Francisco Rocha Ramos, está localizada na rua Frota Gonçalves n/92, no bairro de São Benedito, em Acarape, na região do Maciço de Baturité, Ceará. distante 60 km de Fortaleza. Possui 34 funcionários.

Em 2017, foram matriculados 334 alunos nos Anos iniciais (fundamental 1) e 65 em Educação de Jovens e Adultos e aceleração(supletivo), e 22 alunos em Educação Especial.

A estrutura da escola é composta por 9 salas de aula; 5 banheiros, sendo 1 para crianças especiais; 1 sala de multimeios; 1 sala para atendimento de crianças especiais; sala dos professores; biblioteca/ sala de apoio; cantina; 2 pátios; possui rampas para acessibilidade a cadeirantes.

O quadro de funcionários(as) é composto por 01 diretora; 25 professores; 2 merendeiras; 2 vigias; 2 porteiros e 2 auxiliares de serviços gerais.

A divisão estrutural pedagógica é distribuída por ano/turno: manhã: 1º ano, 2ºano, 3ºano, 4ºano A e B e 5º ano; tarde: 1ºano, B e C, 2ºano, 3º ano B e C, 4ºano e 5ºano; e a noite EJA (4ºe 5º ano, adultos e jovens), EJA (6º e 7º ano, só jovens) e EJA (8º e 9º ano, só jovens).

O Projeto Político Pedagógico (PPP) é de todo o Município de Acarape (2012), que aponta como missão da Escola formar crianças e adultos integrados que desde cedo consigam entender o comportamento de contribuir no desenvolvimento de sua pátria.

Segundo o censo do IBGE de 2010, Acarape era composta por 50,64% (7.767) das habitantes mulheres e 49,36% (7.571) de homens, representando um total de 15.338 habitantes. E 7.982 viviam em zona urbana, representando 52,04% e 7.356 em zona rural, equivalente a 47,96% da população no município.

Os alunos que frequentam a EJA têm um perfil de pessoas trabalhadoras: doméstica, agricultores, taxistas, entregador, vendedor, que passam todo dia no trabalho e a noite vão para a sala de aula em busca de aprender ler e escrever para recuperar o tempo perdido.

As entrevistas foram realizadas com mulheres que frequentam EJA: uma professora de 43 anos, atualmente no ensino fundamental; uma aluna de 33 anos natural de Pernambuco, mas mora em Acarape, frequenta a EJA há quatro anos; outra aluna de 43 anos mora em Acarape frequenta a EJA faz cinco anos. As entrevistas aconteceram na escola Francisco Rocha Ramos no período da noite, no intervalo da aula. De início uma certa resistência das entrevistadas.

O presente trabalho pretende conhecer melhor as expectativas e motivações das mulheres que frequentam a EJA, reforçando a importância dos estudos na vida de cada uma, entendendo as possíveis transformações das mesmas em seres críticos, não apenas pelo aprendizado da leitura e escrita, mas por todo crescimento e autoestima, que na opinião de Soares (2004), deveria apontar à inserção na sociedade de forma a poder atuar nela e sobre ela.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), de 1996, define como EJA a modalidade de ensino diferenciada voltada para educação de jovens e adultos que por

muitos motivos não permaneceram na escola ou não tiveram oportunidade de ingressar na mesma na idade certa.

Num país como Brasil com maiores números de analfabetos, a educação de jovens e adultos surgiu como uma esperança de inclusão à sociedade, uma grande alternativa para que o analfabeto passe a fazer parte do mundo com mais valor, menos discriminação e sem preconceito.

O objetivo da EJA é transformar e ampliar conhecimentos, oportunidades, possibilidades, conscientizar os alunos nas suas decisões e no meio em que ele está inserido. Um verdadeiro cidadão consciente, crítico, democrático, justo, honesto, humano, etc. Garantir o direito a igualdade e respeitar as diferenças.

Segundo Freire (2013) a educação é uma forma de emancipação do ser humano, sendo um processo permanente. Pode ser libertadora principalmente com relação a direitos e deveres, pois, o cidadão pode lutar por seus direitos com mais segurança e cumprir com seus deveres com responsabilidade e respeito. Para o autor, a educação é um processo contínuo na vida do ser humano, onde ele possa suprir suas necessidades, principalmente numa sociedade marcada pelo interesse do capital.

O projeto está articulado no pressuposto de Freire (2013), uma vez que se trata de teorias relevantes acerca da educação emancipadora e norteadas pelas Leis de Diretrizes e Base Nacional da Educação para Jovens e Adultos, onde se ressalta o papel da cidadania e suas garantias de direitos, muitas vezes negados por órgãos institucionais e ou governamentais. Também considero a importância das lutas feministas nas suas conquistas e emancipações.

Na obra *Pedagogia do Oprimido*, Freire (2013) aponta e defende uma pedagogia para todos e que possam se emancipar, mediante uma luta libertadora, que “só faz sentido se os oprimidos buscarem a reconstrução de sua humanidade e realizarem a grande tarefa humanística e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e os opressores” (FREIRE, 2013, p. 30).

Para melhor compreensão, esta monografia está dividida em três capítulos. O primeiro aborda aspectos da minha história de vida relacionados à minha escolha profissional e às minhas experiências do Estágio Supervisionado quando desenvolvi na graduação. O segundo capítulo, trata da conceituação da EJA em seus aspectos históricos, legais e educacionais. O terceiro capítulo, apresenta análise das entrevistas e reflexões sobre experiências significativas das mulheres na EJA.

1 MEMÓRIAS DA FORMAÇÃO DOCENTE, DA SALA DE AULA À EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.
Paulo Freire.

Não poderia iniciar um trabalho de conclusão de curso sem antes localizar de onde estou falando. Considero importante trazer as memórias que na essência me levaram a este assunto de pesquisa.

Neste capítulo refletirei sobre a minha experiência na realização do estágio supervisionado no ensino em EJA, a partir dos fundamentos formadores do estágio e da vivência diária com as(os) alunas(os) e professoras(es) do turno da noite.

Durante minha trajetória de UNILAB me deparei com muitas realidades: alunos de idades variadas, mães de família que deixam suas casas e suas famílias para fazerem um curso superior. Pessoas que saem do trabalho direto para a faculdade; outros que passam o dia inteiro nas dependências da universidade; estrangeiros que atravessaram oceanos para também vivenciarem tais desafios, tendo que passar uma longa jornada longe de casa e longe de tudo.

Com o estágio na EJA, realizado na escola Francisco Rocha Ramos, no Município de Acarape, CE, no Bairro de São Benedito, pude vivenciar uma experiência gratificante e enriquecedora para meu currículo. Ouvi histórias de vida que levarei como referência para minha.

Os estágios supervisionados são parte da formação da (o) pedagoga(o). São muito importantes porque é com eles que temos contato direto com os ambientes educacionais escolares e não escolares onde este(a) pode atuar. É o estágio que traz essa interação entre universidade, escola e comunidade.

A partir das minhas experiências vividas é possível refletir sobre a pedagoga que pretendo ser, a área que quero atuar, se vou ensinar adultos, crianças ou adolescentes, se na verdade é isto mesmo que quero para minha vida e, assim, construir minha própria identidade profissional. Pimenta afirma que:

A identidade se constrói com base no cotidiano entre as teorias e as práticas, na análise sistemática das práticas à luz das teorias, na elaboração de teorias, o que permite caracterizar o estágio como um espaço de mediação reflexiva entre a universidade, a escola e a sociedade. (PIMENTA, p.112, 2009).

A experiência da teoria com a prática, de início assusta muito e mexe com a realidade do(a) professor(a) e do(a) aluno(a). No senso comum, quando um estagiário chega na escola tem uma realidade diferente da que foi preparado teoricamente na formação inicial.

Durante os anos de formação na Universidade são feitos planos de aula, projetos para ser realizados em salas de aula, que às vezes a realidade da escola não permite concretizar, mas é muito diferente. É como se na universidade vivêssemos em um conto de fadas e quando chegamos na escola o encanto é quebrado.

A prática de pensar a prática é a melhor maneira de aprender a pensar certo. O pensamento que ilumina a prática é por ela iluminada tal como a prática que ilumina o pensamento é por ele iluminado (FREIRE, p.65, 1978).

O(a) estagiário(a) tem que estar sempre atualizado(a), inovado(a) buscando conhecimentos novos, para se tornar um profissional que consiga trazer o(a) aluno(a) para perto e contribuir para diminuir o índice de evasão e conseqüentemente, o índice de estudantes com defasagem de idade -escolaridade.

A formação se constrói através de um trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas e de reconstrução permanente de uma identidade pessoal. Logo, a formação docente não se resume a uma etapa da vida escolar, não é uma tarefa exclusiva de determinados agentes, lugares e tempos, mas se processa ao longo da vida profissional dos sujeitos. (GUIMARÃES, p.70, 2012).

No estágio pude ver a EJA voltada para a formação do sujeito cidadão, sujeito este capaz de lutar por seus direitos e cumprir com seus deveres com responsabilidade, sabendo o que quer.

Presenciamos no estágio supervisionado da EJA uma realidade muito boa com relação a turma da escola Francisco Rocha Ramos do município de Acarape, da professora Maria Antônia, conhecida com dona mocinha. Percebemos que os(as) alunos(as) estão dispostos a aprender da melhor forma possível, aproveitando tudo e todos os momentos. São alunos(as) dedicados(as), atenciosos(as), participativo(as), muitos(as) deles(as) chegam atrasados porque passam o dia trabalhando e a noite vão para escola. É uma turma pequena, mas bastante dedicada. As aulas são bem dialogadas entre professora e alunos(as).

Sabendo-se que ainda é preciso melhorar a formação contínua dos(as) professores(as), pois, alguns(as) professores(as) tem a ideia de que qualquer pessoa pode ensinar na EJA. Mas é necessária uma formação adequada, principalmente porque esse

profissional deve estar preparado para lidar com várias realidades, idades e níveis diferenciados dos(as) seus(as) alunos(as). Mais ainda, se a escola for situada em bairro pobre, onde tudo é mais difícil, esse professor tem que saber motivar cada aluno(a), estimulando o entusiasmo e o empenho de cada um, pois muitos passam o dia trabalhando e a noite vão para sala de aula.

Alunos(a) que passaram tempos sem estudar, ou que não sabem escrever seu próprio nome, e até alguns que se sentem velhos(as) para estarem na escola, são realidades que vivenciamos no dia a dia de muitas escolas nas salas da EJA.

Devido à todas as realidades vivenciadas pelos(a) alunos(as), o(a) professor(a) da EJA necessita de uma boa formação, domínio dos conteúdos, segurança, determinação, responsabilidade para estar sempre buscando coisas novas para estimular o aluno para as aulas, para que não aconteça a evasão escolar.

A professora Mocinha, responsável pela turma de EJA conta que já houve casos de muitos (as) alunos(as) se matriculem e logo desistirem por passarem o dia trabalhando e terem que ir para a escola à noite. Muitos se cansavam daquela rotina e desistiam, outros demoravam mais para aprender e desistiam também, mas depende do esforço de cada pessoa.

Ouve um depoimento da professora da EJA (dona Mocinha) onde ela falou que alfabetizou sua mãe e foi com isto que ela se identificou com essa modalidade de ensino, dizendo que se pode alfabetizar sua mãe, poderia alfabetizar outras pessoas. Recordou que depois de dois meses desse feito, d. Cecília, sua mãe, veio a falecer.

Ao pensar nesse tema também refleti acerca da ação de dona Mocinha, pois, meus pais são analfabetos. Meu pai escreve o nome e minha mãe não escreve. Antes tentei ensiná-la, mas ela não quis, muitas das vezes chorei muito por eu estar em uma universidade federal, na segunda formação, preparando-me para ser professora e meus pais não saberem ler e escrever.

Sempre que alguém fala de pais e mães analfabetos(as) lembro dos meus. Sentia-me muito impactada com esta situação, mas hoje estou aprendendo a lidar com essa realidade.

Meu pai e minha mãe não sabem ler nem escrever, mas são pessoas que foram educadas, nas vivências empíricas. São pessoas humildes, mas que me ensinaram a lutar por cada conquista, valorizar cada realização e, sobretudo, não desistir dos meus sonhos.

Assim, me ensinaram várias coisas boas de cidadania e respeito ao próximo. Meu pai me ensinou a prova dos nove, que eu nunca aprendi na escola e minha mãe faz conta sozinha, portanto, tenho neles minhas primeiras aulas da vida.

Aprender a ler, a alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não uma manipulação mecânica de palavras, mas uma relação dinâmica que vincula linguagem e realidade (FREIRE,2006, p.8)

Outra coisa importante que aprendi com meus pais foi sobre os estudos. Eles sempre falaram que só tinham esse incentivo para mim e meus irmãos e era o que podiam deixar como legado e, que só dependia de nós as escolhas para o futuro. Lembrava-me disso todos os dias, principalmente quando eu pensava em desistir por conta do cansaço.

Assim, sobre os estágios, vivenciei a realidade de pessoas fora da faixa etária, e mesmo pensando no caso de meus pais, pude perceber que para muitos, a alfabetização e o aprendizado eram uma realidade viável.

Durante os dias de estágios, que aconteciam nas quintas-feiras à noite, eu e minhas colegas estagiárias, nos dividíamos em salas diferenciadas, mas meu foco maior era a sala da EJA onde tinha alunos(as) de 17 a 60 anos.

Vivenciando aquela realidade de pessoas fora da faixa etária, me perguntava por que eu me formando em pedagoga tinha pais que não sabem ler e nem escrever. Mas pensei e passei a entender que a realidade era outra. Pois, eles sempre me incentivavam e estudar em quanto no tempo dele eles tinham que trabalhar para ajudar os pais a sustentar os irmãos mais novos. Meu pai era cambeteio e minha mãe lavava garrafa no engenho de aguardente, antes de se conhecerem e casarem.

O Estágio Supervisionado na EJA foi uma experiência inexplicável, muitos estagiários (as) se identificavam com cada aluno (a) adulto, e com a modalidade de ensino e manifestavam também desejos de terminar a licenciatura para ensinarem na EJA.

O educador da EJA tem que desenvolver habilidades para que os alunos não desistam no decorrer das aulas, sabendo-se que o professor nessa modalidade não pode educar os alunos como se estivesse educando crianças. Tem que ter muito jogo de cintura para dominar a sala e as realidades que vão surgindo com a convivência.

Não há razão para se envergonhar por desconhecer algo, testemunhar a abertura dos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa (FREIRE, 1999 p. 153).

Não se pensa em educação de jovens e adultos sem pensar em Paulo Freire. Seus pensamentos têm referenciado muitos estudos principalmente na área da pedagogia e suas teorias refletem uma busca incessante pela transformação da educação através da inclusão

social. Em minhas experiências no período de estágios vivenciei momentos em que isso se tornou realidade: homens e mulheres, mesmo diante de seus desafios cotidianos, aproveitando suas chances reais de voltarem a sonhar.

2 EJA, CAMINHOS CONCEITUAIS. ASPECTOS HISTÓRICOS, LEGAIS, EDUCACIONAIS

Numa linha do tempo para uma compreensão da EJA e sua trajetória no contexto histórico, Moutinho (2010) ressalta a época colonial no Brasil como uma era precursora da educação destinada aos adultos. Embora a prioridade fosse alfabetizar crianças em aldeias indígenas, por portugueses Jesuítas, os adultos também foram alfabetizados.

No entanto, segundo a autora, não se tem registro da participação de mulheres nesses grupos, apesar da intensa mobilização para a educação nesse período.

Na época do império esse ensino foi se institucionalizando à medida em que as práticas relacionadas à aquisição de conhecimento iam crescendo ou se fortalecendo. A instrução primária e secundária foi reformulada para as crianças tomando por base as definições de tempo, saberes, recursos, etc.

A instrução aos jovens e adultos tomou cunho para a civilidade do grupo, principalmente em grupos de zonas urbanas através das aulas de língua materna.

Galvão e Soares (2004) observam uma preocupação mais contundente em relação à garantia da instrução aos jovens e adultos e a civilização das camadas inferiores na época do império. E diante disso, uma diferenciada escolha de conteúdos direcionados às crianças e aos adultos foi se estabelecendo, com objetivos melhores definidos.

Assim, se registra uma época em que aconteceu a divisão entre os gêneros homem e mulher, onde as instruções específicas eram tratadas separadamente em turmas femininas e masculinas. Ou seja, para os homens a instrução voltava-se para a leitura da constituição do império e suas principais leis e guarda nacional, e para as mulheres, acrescentavam-se também aulas sobre prendas domésticas, deveres das mulheres na família, etc.

Vale ressaltar que a formação desses grupos era constituída por homens e mulheres mais elitizados, pois pessoas economicamente carentes e negras da época, ficavam à margem das referidas aulas.

Segundo Oro, Weschenfelder, Stecanela (2010), em 1920, através de grandes mobilizações por educadores e parte da população, que o número de escolas aumentou consideravelmente, uma vez que foi nessa época que também se desenvolvia as zonas urbanas com o início da industrialização.

No contexto histórico da EJA, observa-se que foi somente em 1940 que ela se firmou como política nacional, pois a constituição de 1934 previa o ensino primário gratuito e obrigatório, e a EJA deveria também se estender nesse princípio.

A EJA era considerada uma correspondência ao nível de ensino infantil, pela comparação do jovem/adulto não alfabetizado com uma criança, ou seja, o indivíduo adulto era considerado como imaturo e ignorante, no sentido de não letrado, que deveria receber a mesma forma de aquisição ao conhecimento da escola na primeira infância.

Conforme Haddad e Di Pierro (2000), foi dentro de uma conjuntura de tensão política em que as manifestações populares registravam insatisfação nos parâmetros do ensino dos jovens e adultos, que a EJA passou a ser olhada de forma diferenciada, isso dado às mobilizações populares e apoio político da época.

Assim, na Constituição de 1988 a Educação de Jovens e Adultos foi garantida como um direito no qual, estados e municípios tiveram que ampliar seus programas de educação.

Nessa ação governamental, surge também o Movimento de Alfabetização que tratava das políticas públicas para a educação popular e de adultos preservando seus projetos políticos e pedagógicos de acordo com os princípios de Paulo Freire estabelecendo com os pensamentos do autor, uma articulação entre o estado e a sociedade.

Nesse cenário de mudanças ao longo da história da EJA, vários programas educacionais foram surgindo através de contribuições de muitos estudiosos da educação e de forma especial de Paulo Freire que com seus pensamentos e sugestões inspirou vários programas educacionais voltados para uma educação democrática e libertadora.

Se antes a alfabetização de adultos era tratada e realizada de forma autoritária, centrada na compreensão mágica das palavras doadas pelo educador aos analfabetos; [...] agora pelo contrário, a alfabetização como ato de conhecimento, como ato criador e como ato político é um espaço de leitura do mundo e da palavra. (FREIRE 1989, p.30).

É na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), conforme Moutinho (2010), que a Educação de Jovens e Adultos se constitui como modalidade básica, no ensino regular com novo paradigma sobre o atendimento da EJA. Uma reforma educacional compreendida como política compensatória de combate às carências das pessoas menos favorecidas para elevar a sua escolaridade.

Ainda sobre a LDB acerca da EJA (Educação de Jovens e Adultos), trata-se de uma modalidade do ensino ofertado gratuitamente aos indivíduos com faixa etária superior à considerada própria, correspondente ao ensino fundamental e médio.

Assim, a EJA constitui-se de um projeto pedagógico próprio em que considera oportunidades educacionais em conformidade aos interesses de seus alunos, mediante articulação com ações integradas e complementares e, sobretudo, suas condições de vida e trabalho.

Nessa perspectiva os jovens e adultos que estudam na EJA são, em sua maioria, pessoas que não fizeram ou não concluíram os níveis do ensino fundamental ou médio na idade ideal e que nessa modalidade, encontram oportunidades para isso. Dessa forma, de acordo com a LDB:

O inciso I do art. 0 da Constituição Federal determina que o dever do Estado para com a Educação é efetivado mediante a garantia da Educação Básica obrigatória e gratuita dos 4 aos 17 anos de idade, assegurada inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiverem acesso na idade própria.

Assim, o que se observa no cenário brasileiro sobre a EJA é o elevado número de demandas para o atendimento que possibilite ao sujeito novos conhecimentos fundamentais para a vida dos jovens e adultos em seus gêneros.

A Educação para jovens e adultos, começou na época do Brasil Colônia com a catequização dos indígenas.

A educação ensinada aos povos era referente aos trabalhos manuais que seriam realizados por eles, além do funcionamento da economia colonial.

E, depois do decreto n. 7.031 de 06 de Setembro de 1878, foram criados cursos noturnos para adultos analfabetos nas escolas públicas de educação elementar, a princípio somente para o sexo masculino, no município da corte. Foi somente a partir da década de 1940, que a Educação de Jovens e Adultos, começou a se delinear e se constituir como política educacional.

A partir daí, começou a ser reconhecida, tanto que foi criado na Constituição Federal no seu art. 208, sendo a educação para jovens e adultos obrigatória no ensino público fundamental.

Dando assim oportunidades às mulheres, jovens, adultos, idosos, pessoas com deficiência, apenados e jovens em conflito com a lei, oportunidades de escolarização que aliem

a educação básica em nível médio à educação profissional, com desenvolvimento de competências e habilidades que propiciem a formação integral do aluno como cidadão e profissional de qualidade.

Depois disso, outras conquistas apareceram como em 1990 com o “*Ano Internacional da Alfabetização*”, a partir da resolução do Conselho Estadual de Educação (CEE) n°. 075/90, que fazia com que os alunos que comesçassem no ensino fundamental, fossem aprovados através de exames de classificação, sem a obrigatoriedade de levar comprovante escolar anterior.

Hoje em alguns casos a EJA está ligada a educação popular pelas suas conquistas, as duas se completam no cotidiano, vivem de lutas de conquista contra as desigualdades sociais.

No tocante, essa modalidade de ensino vem trazer uma realidade diferente para que o adulto, que não pode estudar na idade certa retornasse aos estudos.

O conhecimento modifica o homem, que pode mudar significativamente a vida dos mesmos, traz oportunidades de viver numa sociedade democrática, igualitária, justa de direitos e deveres.

3 EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS DE MULHERES NA EJA

Nesse capítulo vamos traçar o perfil das mulheres da EJA e para tanto, iniciaremos com um brevíssimo histórico do movimento de mulheres e em seguida, dialogaremos com essas mulheres por meio de entrevista.

3.1 Análises sobre as dificuldades, motivações, expectativas das entrevistadas

Ao tecer sobre os desafios e anseios das mulheres na EJA, buscamos conhecer inicialmente quais motivos algumas deixaram de frequentar a escola, quais as razões que as incentivaram a voltar a estudar, as dificuldades que enfrentaram para se manterem matriculadas e frequentes na EJA, entre outros.

Assim é pertinente observar algumas reflexões acerca desse tópico fazendo uma relação com minha vivência em sala de aula, em algumas disciplinas da faculdade sobre o feminismo como perspectiva de lutas, conquistas e garantias da cidadania.

Na universidade, discutindo temas relacionados à mulher em algumas disciplinas, eram constantes as questões que emergiam sobre a relação dela com suas lutas sociais.

No tocante, Alves e Alves (2013) ressalta a luta das mulheres como um ato de transformação de si mesmas e do mundo, expressando-se em ações coletivas, individuais e existenciais, face ao protagonismo social diante da lógica que representa seus direitos. Uma notoriedade que incluo no início desta monografia onde me reporto à minha vida enquanto mulher interiorana do Estado do Ceará e à história de lutas de minha mãe, uma mulher com registros empíricos de enfrentamentos sociais, sendo também analfabeta.

Trago uma menção do feminismo no Brasil, refletida a partir das entrevistas com as mulheres que me deparei durante a pesquisa - mulheres que de alguma forma lutam para modificar sua vida e de outros, socialmente.

Mulheres brasileiras, estrangeiras, que descrevem o poder da luta social no geral e suas necessidades para conquistar seus direitos tão limitados pelo poder ainda muito machista.

Essa luta feminista se dá no Brasil e mais intensamente na década de 60. Momento em que o mundo vivia um período de mudança no cenário das mulheres e presença de um novo pensamento – a busca de realização pessoal.

Desde sempre a luta de emancipação das mulheres tem sido crescente em conferências mundiais debatendo o papel das mulheres.

Sabemos que na sociedade há, ao longo de muito tempo, vários fatores que causam exclusão social: entre elas, cor de pele, religião, forma física, cultural, opção sexual, dentre esses fatores destacamos o analfabetismo, que é o foco da pesquisa. No decorrer da leitura vamos perceber que uma das alunas não frequentava as aulas por conta de um acidente que a excluiu da sociedade através do preconceito por ter ficado com uma deficiência.

Diante disso relaciono as lutas das mulheres em seu contexto histórico, de várias regiões brasileiras, às acarapenses.

As entrevistas realizadas foram direcionadas a duas alunas e a uma professora, por sinal, muito distintas cada uma delas.

Betânia, uma das mulheres entrevistadas deixou os estudos para trabalhar e ajudar seus pais no sustento da casa e de seus irmãos. Ao ficar mais moça, arranjou um companheiro e viajou para outro estado. Tornou-se mãe, criou seus filhos e percebeu a falta que os estudos estavam fazendo na sua vida, pois a mesma não conseguia trabalho, afirmando que não era aceita em emprego algum, por conta de não ter estudo suficiente para isso.

Nos diálogos durante as entrevistas, observa-se o interesse de Betânia pela modalidade EJA. As dificuldades são várias por conta de morar longe da escola, por não possuir transporte e a localização da escola considerada em bairro perigoso, contudo, ela espera pela mudança que os estudos possam fazer em sua caminhada.

No questionário, quando perguntei se seu esposo lhe apoiava, ela simplesmente respondeu em voz baixa, que não, mas isso não a motiva desistir. Já faz um tempo que a mesma frequenta a sala da EJA e na sua fala aprendeu muito e almeja muito mais.

Antônia, outra aluna entrevistada, sofreu um acidente quando menina que a impediu de estudar. Ficou com sequelas do acidente e tinha vergonha por isso. Não relatou o tipo acidente, depois de casada e com um filho, começou a vender peças íntimas para ajudar o esposo a sustentar o filho.

Depois de um tempo, Antônia percebeu por si só, que precisava estudar para lidar com os números, pois fazia parte de sua atividade de trabalho, quem luta com vendas tem que saber ler escrever e fazer contas segundo a entrevistada.

Sobre as aulas, relatou serem noites muito prazerosas e produtivas na sala da EJA. A mesma vem direto do trabalho para a escola, são lutas constantes, mas para ela se tornam gratificantes pelos objetivos que almeja para sua vida. Já aprendeu muito e pretende terminar todo o ensino fundamental e posteriormente o ensino médio. Para ela, existem alguns fatores que a deixa desmotivada, como o cansaço do dia a dia e a violência das ruas, já que faz o percurso para a escola sozinha, mas tem a consciência que deve continuar, pois sem seus estudos ela não se sentirá uma cidadã totalmente integrada na sociedade e nem no mercado de trabalho, pois pensa em terminar os estudos, cursar uma faculdade e conseguir uma estabilidade financeira.

Assim, em cada fala e escuta nas entrevistas, se tira um aprendizado. As motivações, as experiências e o anseio por mudanças em seus destinos são fascinantes. É notória a satisfação de cada uma, apesar das muitas dificuldades que encontram pelo caminho em nome dessa luta por essas conquistas.

A mulher pelo simples fato de ser mulher tem que arcar com as responsabilidades de cuidar da casa, dos filhos, às vezes trabalhar fora informalmente, entre outros. Muitas são submissas aos maridos, não têm coragem de se emanciparem, de desbravarem novos caminhos, de se profissionalizarem, de se formarem. O processo de transformação social para muitas ainda é lento apesar das mudanças já serem notadas na vida de outras.

Durante muitos anos, entendia-se que o “lugar” da mulher era na pia ou no fogão. Com o passar dos tempos, e aos poucos, algumas conquistas estão sendo alcançadas. Ela vem, cada vez mais, conquistando sua independência social e financeira. Algumas são pai e mãe e cuidam sozinhas da educação de seus filhos

Sobre o aspecto profissional das mulheres, resalto suas dificuldades ao ingressar no mercado de trabalho com pouco ou nenhum estudo, ou seja, o valor de trabalho delas é pouco ou inferior se comparado ao do homem. Daí as lutas sociais que elas travam para mudar esse cenário.

Pertinente ponderar sobre o processo de emancipação social da mulher com base em sua participação no mercado de trabalho brasileiro que tem aumentado consideravelmente a partir da década de 70, sendo maior aqui do que em muitos outros países de igual ou maior desenvolvimento mundial. Segundo D'Alonso (2012), o relatório sobre Desenvolvimento Humano do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), de 1998, revelou que no Brasil as mulheres representavam 44% da força de trabalho, proporção essa superior à

de países como o Chile (36,6%), Argentina (34,3%), Venezuela (42,1%) e México (38,4%), e até mesmo à de alguns países europeus, como Espanha (24,3%) e Grécia (26,5%).

A mulher brasileira vem escrevendo sua história e isso se nota no dia a dia de algumas delas que assim como eu, trabalham, estudam, tomam conta de suas casas, etc. Essa notoriedade se dá pela luta individual de cada uma, mas também pelos programas das políticas públicas sociais através da saúde, da assistência social e da educação.

No tocante à educação, a EJA é participação efetiva na transformação dessa realidade. Felizmente, é estendida aos que dela necessitam. É oferecida aos alunos gratuitamente e mesmo, em meio aos desafios emergentes, é caminho acessível a todos que almejam oportunidades para certificação nessa modalidade de ensino.

São numerosas e crescentes as iniciativas municipais que surgem a todo o tempo instituindo o atendimento ao público jovem e adultos. Ao lado dessas iniciativas, somam-se as experiências de grupos populares e de organizações não-governamentais que sempre atuaram no campo da EJA, principalmente nos espaços em que a ação do estado não chega ou não se faz presente (SOARES, p.8,2002).

A educação é fundamental para o ser humano principalmente agora que as coisas vão se modernizando e as tecnologias vêm tomando conta das ações do cotidiano. Se já era difícil sem muita modernidade, imaginemos agora com a globalização e as grandes evoluções de tecnológicas.

O ensino da EJA não é simplesmente uma modalidade de ensino vai além do aprendizado. São histórias de vidas e de superação. São pessoas que saem de suas casas toda as noites em busca de conhecimento para alcançar novos horizontes, novos caminhos, mudanças de realidades, um meio de liberdade, pois a educação é um bem que ninguém rouba de você.

Em se tratando da pesquisa, a EJA teve e tem uma grande importância no processo de alfabetização da referida entrevistada, pois a riqueza de detalhes em contar suas histórias confirmam a relevante contribuição que essa educação traz para suas vidas.

As noites dos encontros na turma referenciada eram para mim um reflexo de muitas situações relatadas que correspondiam com vivências minhas e de meus irmãos. Na minha família, resalto o caso de minha irmã mais velha, que lutou muito para conseguir concluir o ensino fundamental, e que isso só aconteceu, mediante a adesão à EJA. Uma consolidação que a ajudou a trilhar com sucesso sua vida profissional, sendo hoje uma microempresária.

Na sala de aula, com o contato direto com os alunos e a professora, pude perceber algumas questões voltadas para o clima e a harmonia da turma, o envolvimento carinhoso e respeitoso da professora, e, sobretudo, o aprendizado com bases nas experiências de cada.

3.2 Reflexões sobre práticas de construção da cidadania

3.2.1 Escuta à professora

Na pesquisa, pude traçar um perfil da professora, através da entrevista que usei como instrumento metodológico no qual destaco uma profissional com requisitos suficientemente consideráveis para a função que ocupa na turma da EJA.

Trata-se da professora da sala da EJA de 43 anos de idade, natural da cidade de Jucá, mas que reside há anos em Acarape, CE. Está concluindo ainda a graduação em pedagogia, mas há 08 anos já atua como docente entre muitos níveis da educação.

Para a entrevistada, a EJA tem uma importância imensurável em sua vida e na de sua família também. Relatou que sua irmã, havia sido alfabetizada, em anos passados, pela EJA. Por isso já conhecia o programa muito antes de atuar como professora.

Sobre sua ingresso como docente na EJA, a professora contou que aconteceu um pouco por acaso. No início, segundo ela, precisava trabalhar para se tornar independente financeiramente, daí através de uma amiga entrou no programa Brasil Alfabetizado, que é Alfabetização de Jovens e Adultos em suas próprias casas.

Sobre as motivações que levaram a Professora Antônia a está esses anos todos na educação e especialmente na EJA, ela se portou falando que, entre muitas, foi a de ter conseguido alfabetizar sua mãe (Cecília) que até então, não era. Ela frisou um episódio acontecido com sua mãe que em muito me emocionou, que foi o falecimento da mesma logo após ter sido alfabetizada por ela.

Segundo a professora Antônia, atualmente não conduz a sala da EJA, mas deixou registrado que tem uma enorme satisfação em ser professora dessa modalidade de ensino e do fundamental também aonde está lotada no momento. Ressaltou que embora há desafios na EJA como evasão de alunos por vários impedimentos em continuarem seus estudos, ainda acredita que essa educação pode mudar muitas vidas para melhor, principalmente as das mulheres.

Posso afirmar que ser professora é a profissão que eu escolhi e que quero até o fim me sinto realizada quando estou na sala de aula. (fala de dona mocinha).

3.2.2 Escuta às estudantes da EJA

Nessa amostragem, foram ouvidas duas alunas e nessa oportunidade pude observar algumas evidências acerca da importância da EJA em suas vidas e, sobretudo, a troca das experiências culminadas com minha caminhada até aqui enquanto mulher, hoje acadêmica às vésperas de concluir a graduação em pedagogia.

Entrevista 1

Essa entrevista consta de perguntas diretas através de questionário onde a estudante (1), 43 anos, mãe de um filho se propôs a respondê-lo de bom agrado.

A estudante, apesar de desempregada, recebe um benefício pelo INSS por um problema de deficiência. Sua história na EJA, começa quando relata o porquê de não ter estudado na idade certa.

No tocante, ela relatou ter sofrido um acidente aos cinco anos de idade e por esse motivo, tinha muita vergonha de ir à escola, sofria bullying. Como não estudou não sabia ler e nem escrever, e nem fazer contas.

Ao conhecer a EJA através do convite da professora Maria Antônia, pode aprender a fazer contas, que era seu objetivo inicial ao aderir a turma. Ela é vendedora de peças íntimas e para não sofrer prejuízos financeiros tinha que dominar as quatro operações.

Hoje a referente aluna deseja ir além nos estudos. Pretende continuar e chegar a fazer uma faculdade e citou a UNILAB.

No tocante a EJA, a estudante tem as melhores referências, pois através dessa educação pode não só aprender a ler e a contar. Para ela tem uma importância a mais, uma vez que foi na turma de EJA que desenvolveu sua autoestima, encontrando-se hoje muito elevada.

Entrevista 2

Nessa segunda entrevista ouvi a estudante (2), de 33 anos de idade, natural de Recife, PE, mas que já mora em Acarape, CE desde os seus 17 anos. Mãe de três filhos, vive com seu companheiro e não tem emprego fixo.

Perguntada sobre seus estudos quando criança, falou não ter estudado pois precisou trabalhar muito cedo para ajudar sua mãe que tinha muitos filhos. Contudo, foi na adolescência ainda ode fazer até a terceira série.

Com o apoio do companheiro, Betânia voltou aos estudos e tem perspectivas de chegar a fazer uma faculdade ou um curso profissionalizante no futuro.

No tocante a EJA, ela relatou ser uma excelente oportunidade para se resgatar o estudo interrompido no passado por tantos motivos. Inclusive, assim como foi estimulada a entrar na turma quando iniciou a EJA, pela professora da época, Sra. Vera, ela também o faz com as pessoas que ela encontra quando sabe que não puderam estudar em outros tempos.

Diante disso, não há como desconsiderar a importância da educação na vida das pessoas e na transformação de uma sociedade, pois é a partir da educação que a realidade social se desenvolve.

A formação escolar na idade certa seria o mais apropriado por ser uma trajetória sequencial de faixa etária. Conquistar isso é um desejo de muitos, mas infelizmente há os que não conseguem, então, a EJA através da amostragem nesta pesquisa que trata das histórias de vida e de educação de mulheres, motiva a continuação na crescente busca do saber mesmo na idade mais avançada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este trabalho tenho a convicção de que a EJA (Educação de Jovens e Adultos) realmente é uma modalidade de ensino de grande relevância enquanto agente do processo educativo, por contribuir com a diminuição do analfabetismo. Sinto-me motivada a transformar meu estágio supervisionado em uma pesquisa de cunho científico bibliográfico, exploratório, conhecendo as experiências, as expectativas e as transformações de vida dos alunos da EJA, especialmente as das mulheres nesse contexto.

No tocante à docência na EJA, talvez um dos grandes desafios encontrados nessa modalidade seria a falta de profissionais do magistério devidamente capacitados, com formação continuada e planejamento pela rede, como acontece nos demais níveis da educação do ensino fundamental regular na idade certa.

No caso da cidade de Acarape, CE, e acredito ser a realidade de muitos municípios, quem atua como professor são profissionais que se preparam ou se planejam com apenas as orientações de módulos recebidos, sem quaisquer encontros pedagógicos promovidos pela educação do município.

Como ressaltou Guimarães (2012) a formação docente se processa ao longo da vida profissional do sujeito. Constrói-se através de um trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas e de reconstrução permanente de uma identidade pessoal.

O professor é o responsável pelo despertar da curiosidade do aluno de acordo com suas realidades, transformando as dificuldades e os obstáculos em processos educativos partindo de sua história e o espaço em que se encontra. Nessa perspectiva, esse profissional além de preparado pedagogicamente, ele tem que ter postura de agente transformador, por isso da importância das formações continuadas.

Outra curiosidade encontrada durante o período de estágio supervisionado foi o Projeto Político Pedagógico da Escola (PPP) que se encontrava desatualizado. Fato esse que me chamou a atenção por saber que esse é um tipo de documento imprescindível numa instituição educacional. É um instrumento norteador da escola e regimento interno para ações e metas no campo administrativo/pedagógico, além de apresentar um panorama geral de todo funcionamento da escola.

Em se tratando das minhas experiências vividas na turma da EJA como observação, levantamento de dados, diagnósticos, amostragem para pesquisa e todo processo final para a construção dessa monografia, resumem-se em momentos de imensa satisfação pelos resultados alcançados, apesar dos desafios.

Nunca imaginei que seria fácil, pois me deparei com inúmeras dificuldades e até obstáculos que me fizeram quase desistir, mas aos poucos e com o encorajamento de muitos, continuei nessa caminhada.

A motivação por continuar o trabalho de pesquisa progredia a cada encontro à medida que os vínculos e as relações entre mim e a turma iam se fortalecendo. Foram noites que considero espaciais e que contribuíram fortemente para o meu crescimento enquanto acadêmica e enquanto pessoa também. Para mim, um reflexo de muitas situações que correspondiam com minhas experiências e de meus irmãos.

Diante disso, reafirmo o pensamento de Paulo Freire (2013) quando ele se reporta à educação como um processo contínuo na vida do ser humano, onde as pessoas constroem uma sociedade com cidadania e suas garantias de direitos. Um confronto teórico que corresponde ao anseio maior da pesquisa que é conhecer e compreender as expectativas e motivações das mulheres, enquanto alunas, que frequentam a EJA.

Concluo essa monografia ratificando a importância da EJA na vida das pessoas que tiveram a oportunidade de mudança e transformação em suas vidas e se permitiram crescer através dessa modalidade de educação fora de faixa e em meio aos grandes desafios enfrentados. A exemplo disso, as mulheres, sujeitos da pesquisa, que hoje contam através de suas experiências, as conquistas alcançadas pela EJA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ana Carla Farias; ALVES, Ana Karina da Silva. As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres. In: **SEMINÁRIO CETROS**, 4., 2013, Fortaleza. Anais Eletrônicos. Fortaleza: [s. E.], 2013. p. 1 - 9. Disponível em: <http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/69-17225-08072013-161937.pdf>. Acesso em: 08 mai. 2018.

BARCELOS, Valdo. **Formação de professores para Educação de Jovens e Adultos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

BRASIL. Congresso. Senado. Constituição (1996). Lei nº 9.394, de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 2005. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

CASEIRA, Veridiana Gomes; PEREIRA, Vilmar Alves. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS ENQUANTO EXPRESSÃO DA EDUCAÇÃO POPULAR. **Revista Eja em Debate**, Florianópolis, v. 7, n. 5, p.1-17, jul. 2016. Semestral. Disponível em: <<https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/2096/2>>. Acesso em: 18 mai. 2018.

DALONSO, Glauca de Lima. Trabalhadoras brasileiras e a relação com o trabalho: trajetórias e travessias. **Psicol. Am. Lat., México**, n. 15, dez. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000400003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em: 08 mai. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____. **Pedagogia da esperança**. 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **Alfabetização: leitura da palavra leitura do mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. **Educação e mudança**. Coleção Educação e mudança vol. 1. 9ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. A alfabetização de adultos- crítica de sua visão ingênua compreensão de sua visão crítica. In: FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 11-20.

_____. **Consciência e história: a práxis educativa de Paulo Freire (antologia)**. São Paulo: Loyola, 1978.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; SOARES, Leôncio José Gomes. História da alfabetização de adultos no Brasil. In: ALBUQUERQUE, E. B.; LEAL, T.F. **A alfabetização de jovens e adultos: em uma perspectiva de letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de ensino de história**: experiências, reflexões e aprendizados. 13. ed. Campinas: Papirus Editora, 2012.

SERGIO, Haddad; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 108-130, Ago. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782000000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 mai. 2018.

IBGE. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 fevereiro 2018;

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª ed. São Paulo: UNESCO; Cortez, 2000.

MOUTINHO, Simone Maria Bandeira, **Paulo Freire e a EJA no Brasil**. Disponível em: <<http://paulofreirefae.blogspot.com/p/eja-no-brasil.html/>> Acesso em: 22 de mai. 2018.

MOURA, Tânia Maria de melo. **A prática pedagógica dos alfabetizados de jovens e adultos**: contribuições de Freire, ferreiro e Vygostsky. 2 ed. Maceió: EDUCAL, 2001.

MOURA, Vera Lucia Pereira da Silva. **Educação de Jovens e Adultos**: as contribuições de Paulo Freire. 2014. 19 f. Monografia (Especialização) - Curso de Educação de Jovens e Adultos (EJA), Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2014. Disponível em: <https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_33_1426693042.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2018.

ORO, Amina Ciandra; WESCHENFELDER, Rosa Cristiana S.; STECANELA, Nilda. **Mulheres e EJA**: o que elas buscam?. Rio Grande do Sul. 2010. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/artigo-mulheres-e-eja-o-que-elas-buscam.html>> Acesso em: 13 mai. 2018.

PIMENTA, Selma Garrido (org.). **Saberes pedagógicos e atividades docentes**. São Paulo: Cortez, 2009.

PIMENTA, Selma Garrido, LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2010.

PINTO, Elismaria Catarina Barros; DANTAS, Liliâne Moreira; RODRIGUES, Francisco Jahannes dos Santos. A práxis pedagógica em Educação de Jovens e Adultos: vivências do Estágio Supervisionado na Universidade Federal do Ceará. In: **Fórum Internacional de Pedagogia**, 4., Campina Grande: Realize Editora, 2012. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/a4f23670e1833f3fdb077ca70bbd5d66.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

RUNGO, Rosalina Carlota. **Necessidade Básica de Aprendizagem na alfabetização de adultos**: Estudos de dois casos no distrito de Maracuene. 2004. 102 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação de Adultos, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2004.

SAMPAIO, Marisa Narcizo; ALMEIDA, Rosilene Souza. **Prática de educação de jovens e adultos**: complexidades, desafios e propostas. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SANTOS, Ramofly Bicalho. **A Educação de Jovens e Adultos e os movimentos sociais do campo:** EJA em debate. 3. ed. Florianópolis: [s.e], 2013. 15 p. Disponível em: <<http://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/1490/pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2018.

SOARES, Leôncio José Gomes. O contexto em que surgem as Diretrizes Curriculares Nacionais para EJA. In: SOARES, L. J. G. (Org.). **Diretrizes Curriculares Nacionais - Educação de jovens e adultos.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 7-24.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento.** São Paulo: Contexto, 2004.

ANEXOS

Anexo 1: Transcrição das entrevistas

ENTREVISTA COM A PROFESSORA

Professora da sala da EJA, de 43 anos de idade, natural da cidade de Jucá. Residente em Acarape. Pedagoga há 08 atuando na educação.

Entrevistadora: Qual seu nome e sua idade?

Entrevistada: Maria Antônia Rodrigues do Carmo Lourenço. Tenho 43 anos.

Entrevistadora: Qual sua cidade que nasceu?

Entrevistada: Cidade de Jucá.

Entrevistadora: Qual a cidade que mora atualmente?

Entrevistada: Cidade Acarape.

Entrevistadora: Qual sua formação?

Entrevistada: Estou cursando o sétimo semestre de pedagogia.

Entrevistadora: Quanto tempo atua na área da educação?

Entrevistada: Entre programas e fundamental I, são 8 anos.

Entrevistadora: Quais foram seus principais motivos para ingressar na EJA como professora?

Entrevistada: No início eu precisava trabalhar para me tornar independente, daí através de uma amiga entrei no programa Brasil alfabetizado, que é alfabetização de jovens e adultos em suas próprias casas.

Entrevistadora: Como teve conhecimento sobre o programa da EJA?

Entrevistada: Já conhecia há um tempo, por que tenho uma irmã que foi alfabetizada através deste programa. Depois me aprofundi-me mais por intermédio da coordenadora do Brasil alfabetizado aí eu pude entrar na EJA que é ensinar jovens e adultos, mas desta vez é em sala de aula.

Entrevistadora: Quais foram suas motivações para ensinar jovens e adultos

Entrevistada: Na verdade, é como já falei, eu só queria me tornar independente por isso entrei no programa. Eu nunca tinha me dado conta até ensinar minha mãe, que era totalmente analfabeta, de não saber nem a primeira letra do seu nome. Resolvi então, alfabetizá-la. Quando estava com dois meses que eu a ensinava, ela faleceu. Já sabia o seu primeiro nome que era Cecília, sabia as vogais e algumas consoantes. Essa foi a primeira experiência que eu tive para me tornar professora. Eu não estou mais na EJA. Atualmente estou lotada no fundamental I e estou gostando demais. Hoje posso afirmar que ser professora é a profissão que eu escolhi e que quero até o fim da minha vida. Sou realizada quando estou na sala de aula.

Entrevistadora: Sobre os alunos, sala de aula e vivências: Você acha que os alunos de EJA entram no Programa, por quais principais motivos?

Entrevistada: Alguns é porque não tiveram a oportunidade de estudarem quando criança, já outros, é porque realmente não se interessaram em estudar antes, e agora, por algum motivo, são obrigados a terminar, pelo menos o fundamental II.

Entrevistadora: Quais as principais diferenças notadas ao ensinar jovens e adultos às crianças e adolescentes?

Entrevistada: A diferença é que as crianças estão com a mente melhor, a ponto de digerir o que você ensina. Já os adultos, por cansaço da vida no dia a dia, têm mais dificuldade de aprender.

Entrevistadora: Quais as principais dificuldades percebidas em seus alunos

Entrevistada: Era a evasão escolar. Por eles não poderem frequentar a escola diariamente, diante disso, não absorvia o conteúdo como era pra ser.

Entrevistadora: Conte um pouco sobre experiências vividas nos anos em que você ensinou na EJA?

Entrevistada: Quando lecionava na EJA pude ter algumas experiências, entre elas a história de vida dos alunos, que muitas vezes nos causa espanto. Para mim, para os próprios colegas, para a família e de toda sociedade. Ainda existe um tipo de preconceito em relação ao analfabetismo.

Entrevistadora: Fale um pouco, se existirem, de seus projetos junto a escola direcionados aos alunos da EJA?

Entrevistada: Não fiz um projeto gostaria muito de ter feito, mas não foi possível.

Entrevistadora: Você acredita que os alunos têm vontade de continuar seus estudos, depois que saírem do Programa alfabetizados e formados nessa modalidade de ensino?

Entrevistada: Sim, alguns alunos têm o propósito de continuar seus estudos, alguns já fazem isso, continuam os estudos com objetivo de fazerem uma faculdade.

ENTREVISTA COM ALUNA 1

Estudante (1), 43 anos; sexo feminino; residente em Acarape, CE; 04 anos na EJA.

Entrevistadora: Boa noite meu nome é Aline vim aqui para fazer uma entrevista através de questionário para contribuir com meu tcc, meu trabalho de conclusão de curso.

Entrevistadora: Qual teu nome?

Entrevistada: Antônia de Fátima Pinto da Silva.

Entrevistadora: Quantos anos você tem?

Entrevistada: 43 anos

Entrevistadora: Você mora aqui mesmo em Acarape?

Entrevistada: sou

Entrevistadora: Natural de Acarape?

Entrevistada: Sim

Entrevistadora: É casada?

Entrevistada: Agora não sei se boto, não sou casada, sou junta já tem 30 anos.

Entrevistadora: Tem filhos?

Entrevistada: Tenho um

Entrevistadora: Trabalha?

Entrevistada: Não

Entrevistadora: Tem renda?

Entrevistada: Se tu não trabalhas não tem renda! Tenho só um benefício.

Entrevistadora: BPC? Aquele benefício da LOAS (Lei Orgânica da Assistência Social)?

Entrevistada: Não, é pelo o INSS mesmo.

Entrevistadora: Conte-me como foram seus estudos na infância.

Entrevistada: Eu não pude estudar quando eu era mais nova, porque logo pequena sofri um acidente, tinha cinco anos. Depois minha mãe tinha que trabalhar e nós não estudamos mais. Eu tinha vergonha de ir para o colégio.

Entrevistadora: Você falou que o que lhe interrompeu a não estudar... que dizer que na verdade você nunca estudou.

Entrevistada: Eu tinha vergonha porque os meninos ficavam todos mangando dentro da sala então, não ia.

Entrevistadora: Hoje, como você soube da EJA, e o que lhe fez estudar?

Entrevistada: Foi uma conhecida minha ... A Mocinha. Ela é até professora daqui. Ela foi quem me chamou.

Entrevistadora: Voltou por que teve vontade de aprender e estudar?

Entrevistada: Porque vendo calcinhas e sutiãs, aí, tenho que aprender a me “virar” com as contas, a somar. Isso me incentivou a vir.

Entrevistadora: Você pretende seguir os estudos, ou só aprender a ler e a escrever? Qual sua visão de futuro? Pretende chegar à UNILAB?

Entrevistada: Pretendo continuar sim. Vou até onde posso ir

Entrevistadora: qual a importância da EJA pra você?

Entrevistada: Vontade de aprender a ler e escrever.

Entrevistadora: Então, a EJA foi um ponta pé inicial para voltar. Hoje você não tem mais vergonha de vir estudar?

Entrevistada: Sim. Quando era criança sentia vergonha. Hoje não, se mangarem, eu dou logo uma resposta bem boa.

Entrevistadora: Com relação à metodologia da EJA, você gosta?

Entrevistada: Gosto.

Entrevistadora: Já aprendeu muito do tempo que frequenta?

Entrevistada: Já, só que nós estamos repedindo. Ano passado, era para nós termos passado de ano. Quisemos repetir para aprender mais.

Entrevistadora: Vocês continuam fazendo a quarta e quinta séries?

Entrevistada: Sim

Entrevistadora: Sua casa é perto ou é longe daqui?

Entrevistada: Sim, é perto. Eu saio para fazer as cobranças e na volta já fico aqui.

Entrevistadora: Alguma vez na EJA você sentiu vontade de desistir?

Entrevistada: Já. Eu falei para minha menina que não vinha mais, que me achava muito cansada. Ela pediu para não fazer isso. Não desistir.

Entrevistadora: Por que você passa o dia trabalhando, vendendo suas coisas?

Entrevistada: Eu vendo em casa, mas aí chega uma pessoa, eu vou atender; tem as coisas de casa para fazer; saio para cobrar; então é muito “puxado”.

Entrevistadora: Qual sua visão de futuro para após a EJA?

Entrevistada: Penso em curso profissionalizante ou Universidade

Entrevistadora: Obrigada pela sua contribuição.

ENTREVISTA COM ALUNA 2

Estudante (2), 33 anos, natural de Recife, PE, residente em Acarape, CE, 03 anos na EJA

Entrevistadora: Diga-me seu nome completo e sua idade?

Entrevistada: Betânia Maria da Silva Dias. Tenho 33 anos.

Entrevistadora: Você mora aqui mesmo em Acarape?

Entrevistada: Sim. Moro em Acarape

Entrevistadora: Mas você nasceu aqui?

Entrevistada: Não. Nasci em Recife, PE. Eu vi para cá quando tinha 17 anos, com meu namorado que ia ser meu esposo. Estou aqui já com uns 10 anos, 10 anos não, acho que está com uns doze anos.

Entrevistadora: Você é casada?

Entrevistada: Casada não, sou junta.

Entrevistadora: Tem filhos?

Entrevistada: Tenho três.

Entrevistadora: Você Trabalha?

Entrevistada: Assim, vez em quando.

Entrevistadora: Fale-me um pouquinho de como foi seus estudos na infância?

Entrevistada: Não estudei muito, só estudei até a terceira série. Minha mãe tinha muitos filhos e eu tinha que trabalhar.

Entrevistadora: E na sua adolescência?

Entrevistada: Como assim?

Entrevistadora: Na sua adolescência você estudou?

Entrevistada: Não, estudei só até a terceira série mesmo.

Entrevistadora: agora voltou com os estudos na EJA. O que lhe levou a isso?

Entrevistada: “Mulher” ... Eu vi que a gente sem estudar não é nada. Eu disse: eu vou estudar por que nunca é tarde para você estudar! Acordei, vou agora estudar. Já estão com três anos que eu estou aqui na EJA.

Entrevistadora: E seu eu companheiro, ele lhe apoia?

Entrevistada: Apoia.

Entrevistadora: Como você soube sobre a EJA?

Entrevistada: Através de professoras, professoras que eram minhas vizinhas, através delas.

Entrevistadora: E assim, qual seu objetivo de estar aqui na EJA? O que você busca?

Entrevistada: Aprender, estudar, aprender, terminar os estudos.

Entrevistadora: Qual a importância da educação, para você?

Entrevistada: Como assim?

Entrevistadora: Ela é importante pra quê? Para ter uma formação?

Entrevistada: Ter um estudo. Aprender a ler, escrever direito se for possível e tiver tempo, ainda fazer um curso, uma faculdade.

Entrevistadora: O que acha da EJA?

Entrevistada: Eu gosto. Acho muito bom, por isso estou aqui. Não sabia ler, nem escrever, não sabia fazer meu nome, agora já sei né.

Entrevistadora: você aprendeu com a dona mocinha?

Entrevistada: Não, aprendi com a professora Vera. A que veio antes da dona mocinha.

Entrevistadora: Já teve algum problema que você pensou em desistir?

Entrevistada: Já né... O cansaço é muito grande e onde moro também é perigoso. Não tenho transporte e venho a pé. Mas eu não desisto, eu venho, pois quero terminar meus estudos.

Entrevistadora: Quando você terminar a EJA, pensa em fazer algum curso profissionalizante ou fazer uma faculdade?

Entrevista: Penso, com certeza, se eu tiver oportunidade com certeza eu vou.

Entrevistadora: Tem algum curso que pensa em cursar?

Entrevistada: Não pensei ainda, penso em um trabalho bom. Para isso preciso terminar os estudos porque eles só querem quem terminou o segundo grau.

Entrevistadora: Sua visão de futuro com a EJA?

Entrevistada: Aprender e passar para outras pessoas, sobre a EJA. Sempre estou chamando as pessoas para virem, mas elas não vêm.

Entrevistadora: Muito obrigada.

Anexo 2: Fachada da escola

Fonte: Acervo pessoal (2016)

Anexo 3: Confraternização Natalina



Fonte: Acervo pessoal, 2016.

Anexo 4: Exposição de aula



Fonte: Acervo pessoal, 2016.

Anexo 5: Projeto de extensão da EJA



Fonte: Imagem cedida pelo professor Dr. Luís Eduardo, 2016.

Anexo 6: Estágio em Educação de Jovens e Adultos na Escola Francisco Rocha Ramos

Fonte: Imagem cedida pela estudante Jezabel Mitsa, 2016.

PROFUNDO E BELO!

“Houve um tempo em que eu fugia do medo, então o medo me controlava.
Até que aprendi a segurar o medo como um recém-nascido.
Ouvi-lo, mas não ceder.
Honrá-lo, mas não o adorar.
O medo não podia mais me impedir.
Eu entrei com coragem na tempestade.
Ainda tenho medo, mas ele não me tem.
Houve um tempo em que eu tinha ansiedade.
Uma mente que não parava.
Pensamentos que não silenciavam.
Então parei de tentar silenciá-los.
E eu larguei da mente, fui para terra, para lama.
Onde fui abraçado fortemente como uma árvore, inabalável, seguro.
Houve um tempo em que eu fugia de sentimentos difíceis.
Agora, eles são meus conselhos, confidentes, amigos, e todos eles têm um lar em mim.
Todos eles pertencem e têm dignidade.
Eu sou sensível, suave, frágil.
Meus braços envolveram todos os meus filhos internos.
E na minha sensibilidade, há poder.
Na minha fragilidade, uma presença inabalável.
Nas profundezas das minhas feridas.
No que eu tinha chamado de “escuridão”, eu encontrei uma luz ardente.
Isso me guia agora em batalha.
Eu me tornei um guerreiro quando me virei para mim mesmo.
E comecei a “ouvir”.

(Jeff Foster)